

páginas de alentado formato, cuidadosamente estilizadas. (...) Com a tinta autográfica e a pena de irídio, o artista desenhava o seu trabalho sobre papel especial, obedecendo ao tamanho exato que deveria ter o clichê, fosse ele de uma polegada. Uma prensa fazia o desenho aderir ao zinco, por um modo semelhante ao das decalcomanias, fixava-se o desenho ao calor do fogo com betume, e, em seguida, a chapa de metal entrava em banhos graduados de água-forte que, roendo o metal, deixavam em relevo os traços do desenho protegidos pela tinta betuminada”<sup>(145)</sup>. Artistas como Agostini conheceram essas duas fases da técnica da gravura, penosas para eles, particularmente a primeira, a da pedra litográfica. Desenhos de Agostini, cenas de carnaval, por exemplo, verdadeira renda de traços, representavam prodígios de habilidade artesanal, além do que representavam como arte criadora.

No mesmo ano de 1876, em que Agostini punha em circulação a *Revista Ilustrada*, Carlos de Vivaldi lançava a *Ilustração do Brasil*, revista de luxo para a época, com texto selecionado e muita gravura. A importância da contribuição de Vivaldi está na variante que adotou para superar as deficiências técnicas do meio naquela época: “Por esse tempo — depõe Vivaldo Coaracy — a quase totalidade das folhas ilustradas publicadas no Brasil eram litografadas. Os ilustradores, entre os quais se encontravam alguns de indiscutível merecimento, como Bordalo Pinheiro, Ângelo Agostini e outros, desenhavam diretamente na pedra. Por essa mesma característica, todas essas revistas eram satíricas ou humorísticas, como a *Vida Fluminense*, *O Mosquito*, a *Revista Ilustrada*. Os desenhos, impressos no verso da folha de texto, nada tinham em referência a este. Eram independentes da matéria literária e traziam a sua própria legenda, escrita em cursivo pelo desenhista. Poucas tentativas haviam sido feitas para usar processos mais apurados de gravura. Eram em reduzido número os bons gravadores e o trabalho, dispendioso. Não é necessário dizer que os processos atuais, de gravura mecânica, como a fototipia, a fotogravura e outros ainda mais modernos não haviam sido inventados. Os periódicos ilustrados diversos da litografia eram impressos no estrangeiro: *A Estação*, jornal de modas da casa Lombaerts, em Paris; o *Novo Mundo*, de José Carlos Rodrigues, em Nova Iorque. As estampas da *Ilustração do Brasil* eram gravuras em aço e em cobre. Como ficou dito, eram muito poucos, no Rio de Janeiro, os artistas aptos a efetuar esse trabalho que, por motivos óbvios, se tornara dispendioso, além de demorado. Vivaldi utilizava-se deles quando possível; mas muitas vezes mandava fazer as gravuras nos Estados

(145) Raul Pederneiras: “A Gravura”, em *O Imparcial*, Rio, de 19 de fevereiro de 1922.